

'LÁ' PÓS-NOMINAL NA CARTOGRAFIA DO DP: QUESTÕES SOBRE ESPECIFICIDADE E IDENTIFICAÇÃO

Bruna Karla PEREIRA*

- RESUMO: Esse artigo trata de ocorrências de 'lá' pós-nominal em estruturas como "um colega meu lá" do português brasileiro e tem como objetivo propor uma análise formal da posição desse advérbio no domínio do DP. Para isso, pontuam-se as diferenças sintáticas e semânticas entre esse 'lá' não locativo e 'lá' pós-nominal locativo. Em seguida, pontuam-se as semelhanças entre 'lá' não locativo e estruturas nominais contendo: (i) 'qualquer' pós-nominal; (ii) 'this' na qualidade de marcador indefinido específico; e (iii) partículas usadas em diferentes línguas para sinalizar especificidade (LYONS, 1999), isto é, para se referir a uma entidade específica cuja identificação é irrelevante para o falante. A partir desse paralelo, assume-se, com base na teoria dos especificadores funcionais (CINQUE, 1999, 2005), que 'lá' ocupa a posição de especificador em uma projeção QP. Essa projeção, que contém traços formais de especificidade, localizar-se-ia imediatamente acima do NP e abaixo de modificadores na estrutura do DP.
- PALAVRAS-CHAVE: 'Lá' pós-nominal não locativo. Estrutura do DP. QP. Especificidade. Identificação.

Introdução

Este artigo descreve e analisa estruturas contendo 'lá'¹ pós-nominal no português brasileiro como aquelas em (2).

- (1) O moço (que está) lá é meu neto.
- (2) a. "eu tinha [um colega meu **lá**] que ele trabalhava com negócio de obra" (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008, p.4).
b. "Aí eu fico assistindo [...] É um desenho, que [o menino **lá**] gosta muito de esporte, não de jogar, sabe?" (ALKMIN; CHAVES, 2009, p.3, entrevista 49, A.L.).
c. "tinha [aquela mulher **lá**] que veio aqui... éh: comé que chama?" (ALKMIN; CHAVES, 2009, p.13, entrevista 53, R.X.S.).

* UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte – MG – Brasil. 31270-901 – brunaufmg@yahoo.com.br

¹ Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo que objetiva catalogar os diferentes usos de 'lá' no PB e atribuir a eles uma análise formal. Essa análise deve captar as propriedades particulares de cada uso, porém, de forma unificada. Para isso, sugerimos que 'lá' constitui o mapeamento das periferias esquerdas do IP, do VP e do NP, ocupando a posição de especificador em diferentes categorias funcionais que compõem esses domínios (PEREIRA, 2010a).

- d. “quando eu acabo o dever, é, eu vejo [desenho **lá**], eu vejo é as [...] que trabalham lá na Ulf” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p.3, entrevista 49, A.L.).
- e. “brinco de casinha, pegu [umas panelinha veia **lá**], pegu e brinco” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p.12, entrevista 47, sem id.).

Em (1), ‘lá’ é um locativo e indica que o moço está em um espaço distante do falante e do ouvinte no momento em que esse enunciado foi proferido. Portanto, ‘lá’ em (1) é plenamente um dêitico locativo. Diferentemente, ‘lá’ em (2) não é dêitico locativo e, portanto, não sinaliza que ‘um colega meu’, ‘o menino’, ‘aquela mulher’, ‘desenho’ e ‘umas panelinha veia’ estão distantes, do ponto de vista espacial, do falante e do ouvinte. Ao contrário, trata-se de um uso especializado de ‘lá’ sinalizando que o falante não quer ou não pode identificar a entidade à qual ele se refere.²

Considerando-se esses fatos, este artigo se organiza em três seções, conforme distribuição apresentada adiante.

A primeira seção delimita as propriedades sintáticas e semânticas de ‘lá’ não locativo, sendo subdividida em quatro subseções, quais sejam: a primeira contrasta ‘lá’ não locativo pós-nominal com ‘lá’ locativo pós-nominal; a segunda estabelece uma comparação entre ‘lá’ não locativo e ‘qualquer’ pós-nominal, considerado um operador de identificação vaga (MÓIA, 1992); a terceira compara ‘lá’ não locativo com ‘this’ indefinido do inglês (MARCHANT, 1994); e a quarta compara ‘lá’ não locativo com partículas e artigos de várias línguas que apresentam formas dedicadas especialmente para sinalizar NPs como sendo específicos (LYONS, 1999). A partir disso, propomos que ‘lá’ pode ser analisado como um elemento de especificidade, que é inserido por *merge* em Spec de uma projeção funcional no domínio do DP.

Por sua vez, a segunda seção apresenta a proposta de Cinque (2005)³ para quem o NP se move, como projeção máxima e não como núcleo, na estrutura do DP. Essa proposta será útil para explicar a variação na posição de ‘lá’, que pode anteceder ou suceder modificadores pós-nominais.

Por fim, a terceira seção veicula nossa hipótese de análise de ‘lá’ como sendo inserido por *merge* em Spec, QP, uma projeção com traços de especificidade, localizada imediatamente acima de NP e abaixo de todos os outros modificadores. Nessa seção, também apresentamos evidências independentes para a análise de

² Para Martellota e Rêgo (1996, p.245, grifo nosso), ‘lá’ sinaliza que “o falante não quer ou não pode especificar o substantivo a que se refere”. Há uma incorreção neste termo, pois o referente é **específico**, apenas não é **identificado** apropriadamente.

³ Agradeço ao Prof. Ian Roberts, à Profª. Cristina Guardiano e a um parecerista anônimo de *The 1st Fall Meeting on Formal Linguistics* por chamarem minha atenção, respectivamente, para Cinque (2005), Lyons (1999) e this indefinido.

'lá' em uma projeção OP tendo como base outras estruturas nominais nas quais 'lá' precede intensificadores e quantificadores universais.

Propriedades sintáticas e semânticas de estruturas contendo 'lá' pós-nominal

Para depreendermos as propriedades sintáticas e semânticas de 'lá' pós-nominal não locativo, estabelecemos uma comparação entre esse elemento e estruturas contendo: 'lá' locativo, 'qualquer' pós-nominal, 'this' indefinido e partículas marcadoras de especificidade.

'Lá' locativo versus 'lá' não locativo

Em linhas gerais, o emprego de locativos na estrutura do NP ocorre da seguinte maneira no PB:

- (3) a. Este ... aqui
b. Esse ... aí
c. Aquele ... lá

Portanto, a ocorrência de 'lá' dêitico locativo no NP, quando se dá com demonstrativos pré-nominais, é restrita à presença do demonstrativo de terceira pessoa, como em (4c). Logo, 'lá' locativo não pode coocorrer com 'este' (demonstrativo de 1ª pessoa) (4a) nem com 'esse' (demonstrativo de 2ª pessoa) (4b). Além disso, 'lá' locativo não pode coocorrer com NP nu (4d) nem com artigo indefinido (4e).

- (4) a. *Este lápis lá é meu.
b. *Esse lápis lá é seu.
c. Aquele menino lá é meu neto.
d. *Menino lá é meu neto.
e. *Um menino lá é meu neto.

Entretanto, nota-se que 'lá' pode coocorrer com o demonstrativo de 2ª pessoa na seguinte situação (5).

- (5) a. "o Bastos, ao que parece morava, ainda no tempo da noiva viva [...] com uma mulher. E assim com esta continuou, pouco ligando. Bem. **Essa mulher lá** um dia teve ciúmes".⁴

⁴ Lispector (1994).

- b. Seu Lunga tava assistindo televisão quando aparece a Mãe Diná em um programa [...] Daí Seu Lunga diz: ‘Quero ver se ela adivinha mesmo as coisas...’ Pega o número dela e depois de um dia liga:
– Alô – diz Seu Lunga.
Pois não, quem fala? – Pergunta a Mãe Diná.
– **Essa mulher lá** adivinha nada! – E desliga o telefone.⁵

Também o demonstrativo de 1ª pessoa parece razoável em uma possível paráfrase de (5a) formulada em (5a’).

(5) a’. ... o Bastos, ao que parece morava, ainda no tempo da noiva viva [...] com uma mulher. E assim com esta continuou, pouco ligando. Bem. **Esta** mulher lá um dia teve ciúmes.

Claramente, a incompatibilidade de ‘lá’ com ‘esse’ e ‘este’ em (4a, b) e a compatibilidade entre esses itens em (5) evidenciam que ‘lá’ não recebe interpretação locativa em (5). Do contrário, (5) seria agramatical.

Além disso, ‘lá’ não locativo, diferentemente de ‘lá’ locativo (4d), também pode coocorrer com NP nu, como mostrado em (2d), repetido abaixo.

(2) d. “quando eu acabo o dever, é, eu vejo [desenho **lá**]” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p.3, entrevista 49, A.L.).

Da mesma maneira, a interpretação locativa de ‘lá’ também não é viável nas estruturas em (2a, b), em que ‘lá’ coocorre com artigo definido e artigo indefinido.

(2) a. [Artigo indefinido N lá]: “eu tinha [um colega meu **lá**]” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008, p.4).

b. [Artigo definido N lá]: “É um desenho, que [o menino **lá**] gosta muito de esporte” (ALKMIN; CHAVES, 2009, p.3, entrevista 49, A.L.).

No entanto, a interpretação locativa de ‘lá’ nessas estruturas seria viável, se houvesse uma clara indicação de lugar, como em (6), mas esse não é o caso de (2).

- (6) a. eu tinha um colega meu **lá** em *Perdões* ...
b. o menino **lá** na cidade gosta muito de esporte ...
c. eu vejo desenho **lá** na sala ...

⁵ Disponível em: <<http://abnercaetano.jimdo.com/humor/seu-lunga/>>. Acesso em: 29 jun. 2010. Trata-se de um blog que apresenta textos sobre um personagem chamado Seu Lunga.

Apesar dessa possibilidade, é preciso sublinhar que, em (6), 'lá' simplesmente não faz parte da estrutura do DP. Em (6a), 'lá' faria parte do IP encabeçado por 'tinha' e possivelmente ocuparia uma posição adjunta ao IP; em (6b), 'lá' faria parte do VP e possivelmente seria argumento locativo de 'estar', verbo elíptico que pertence a uma relativa reduzida e subordinada ao NP ("o menino (que está) lá"); por fim, em (6c), 'lá' faria parte do IP encabeçado por 'vejo' e possivelmente ocuparia uma posição adjunta ao IP. Disso, conclui-se que, quando 'lá' pós-nominal recebe interpretação locativa, ele não pertence à estrutura do DP.

Sendo assim, não haveria problemas para se distinguirem (7a) e (7b) do ponto de vista sintático apesar de, à primeira vista, parecerem ser a mesma estrutura.

- (7) a. [Aquele menino lá] é meu neto.
b. "tinha [aquela mulher lá] que veio aqui... éh: comê que chama?" (ALKMIN; CHAVES, 2009, p.13, entrevista 53, R.X.S.).

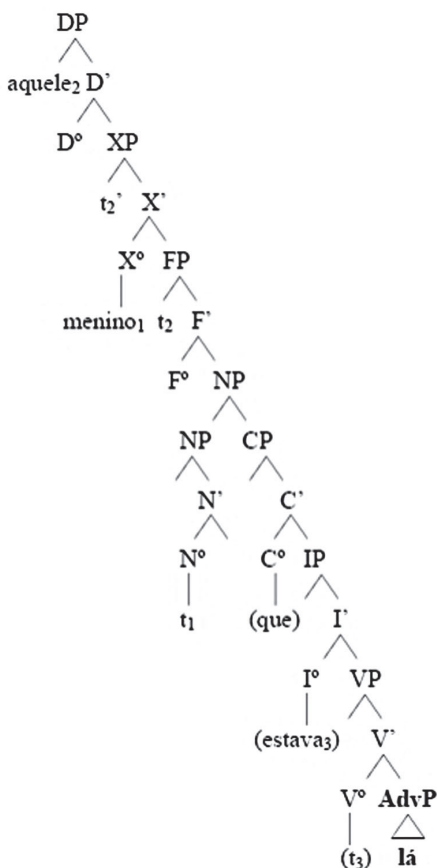
Em (7a), 'lá' ocuparia uma posição baixa na estrutura nominal já que faria parte de uma relativa reduzida e subordinada ao NP: "Aquele menino (que está) lá". Por sua vez, 'lá' em (7b) ocuparia uma posição mais alta, acima do NP, mas bem baixa na estrutura no DP, conforme esboço⁶ delineado na figura 1:

⁶ A derivação em (7b) é provisória e receberá outra interpretação com base na proposta de Cinque (2005) a ser explorada adiante. Por enquanto, no entanto, há de se explicar que o esboço delineado se baseia na proposta de Brugé (2002) para quem N se move para X⁰, que é o núcleo de uma projeção situada abaixo do DP e acima dos modificadores. Ainda de acordo com Brugé (2002), os demonstrativos são inseridos por *merge* em Spec, FP e movidos, posteriormente, para Spec,DP. Por último, a notação ZP também é utilizada provisoriamente para indicar que, até o momento, não sabemos exatamente a que categoria 'lá' não locativo pertence.

Figura 1 – A posição hierárquica de ‘lá’ locativo e de ‘lá’ não locativo.

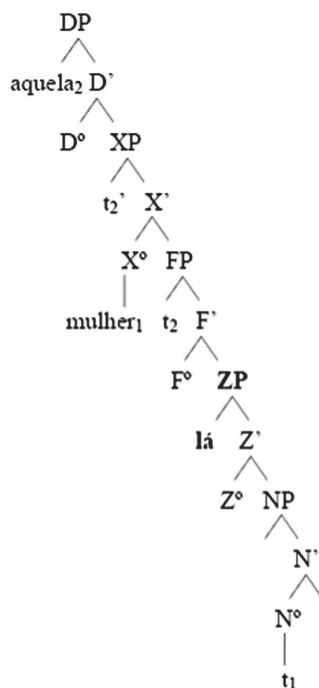
‘Lá’ locativo

(7) a. “aquele menino lá”



‘Lá’ não locativo

(7) b. “aquela mulher lá”



Fonte: Elaboração própria.

Do ponto de vista semântico, porém, somente o contexto discursivo seria capaz de determinar qual a interpretação adequada de ‘lá’ em (7a), que é um locativo, e em (7b), que não é um locativo.

Em suma, vimos nessa seção que, enquanto ‘lá’ pós-nominal locativo é impedido de coocorrer com demonstrativos de 1ª (‘este’) e de 2ª pessoa (‘esse’), com NP nu e com artigo indefinido, ‘lá’ pós-nominal não locativo é compatível com todos esses itens. Além disso, vimos que, embora possam coocorrer com demonstrativo de 3ª pessoa (‘aquele’), ‘lá’ locativo e ‘lá’ não locativo ocupam posições diferenciadas. Enquanto o primeiro pertence à estrutura do VP/IP,

seja como adjunto adverbial ou como argumento interno, o segundo pertence à estrutura do DP. Em outras palavras, na estrutura [aquele N lá], há projeção de uma oração reduzida com verbo elíptico, diante da interpretação locativa, mas não há projeção dessa oração, diante da interpretação não locativa. Portanto, ‘lá’ pós-nominal não locativo é apenas homófono de ‘lá’ pós-nominal locativo, mas se trata de categorias diferentes.

‘Lá’ não locativo e ‘qualquer’ pós-nominal

‘Lá’ e ‘qualquer’ pós-nominais apresentam semelhanças do ponto de vista semântico e do ponto de vista distribucional, mas também apresentam diferenças. Para explicitá-las, precisamos antes recorrer a Mória (1992, p.38), que faz uma análise de ‘qualquer’ em sentenças como (8).

- (8) a. “Houve um terremoto num país **qualquer** da Ásia”.
b. “Houve uma pessoa **qualquer** que me disse que o Paulo ia chegar amanhã, mas não me recordo de quem foi”.

De acordo com Mória (1992, p.38, grifo nosso),

Para compreender o papel do operador *qualquer* nos exemplos apresentados, há que considerar [...] dois aspectos semânticos das estruturas nominais em que este operador está integrado: **(i) o valor de quantificação**, que considerarei ser de tipo cardinal (singular, dada a presença das formas singulares *um* e *qualquer*); (ii) o valor suplementar introduzido pela expressão *qualquer*, que parece ser [...] **um valor de identificação vaga**.

Além disso, para o autor,

Nestas frases, os sintagmas nominais em que ocorre a expressão *qualquer* têm um valor próximo do de certos sintagmas nominais em que ocorrem as expressões *um certo*, *um dado* ou *um determinado* [...] Consideremos, por exemplo, a frase [(8a)]. Através de uma frase como esta, o enunciador refere a ocorrência de um terremoto num, e apenas um, país da Ásia - um país concreto, determinado, aliás, que pode ser, por exemplo, o Afeganistão. Note-se que, sintomaticamente, o sentido do sintagma nominal *um país qualquer* na frase em análise pode ser parafraseado por uma expressão introduzida por um quantificador característico das descrições definidas (*o*): *o país x (que eu não sei designar)*. Este valor de quantificação cardinal (singular) acompanha, nos sintagmas em análise, um outro valor que distingue estas estruturas. O enunciador da frase [(8a)] refere-se a um país concreto, determinado, mas que, no momento da enunciação, não sabe com

precisão identificar ou designar (daí não usar um nome próprio, mas um nome comum acompanhado de *qualquer*). Trata-se [...] de um valor de identificação vaga – específico do operador *qualquer* – correspondente a um estado de informação parcial do falante. É de notar que a aplicação do operador *qualquer* (ou *certo*, em exemplos equivalentes) a um núcleo nominal tem, nestes casos, um efeito maximamente restritivo [...] já que a expressão complexa [N qualquer] (ou [*certo* N]) remete sempre para uma única entidade do conjunto denotado por N. (MÓIA, 1992, p.38, grifo do autor).

Uma primeira semelhança entre 'lá' e 'qualquer' é que 'lá' pode receber a mesma paráfrase proposta por Mória (1992, p.38) para 'qualquer'.

- (7) a. "Houve um terremoto num país qualquer da Ásia".
b. ... no país *x* da Ásia que eu não sei/quero identificar/designar...
- (8) a. "eu tinha [um colega meu lá] que ele trabalhava com negócio de obra"
(ALMEIDA; CARNEIRO, 2008, p.4).
b. ... o colega meu *x* que eu não sei/quero identificar/designar ...

Essa paráfrase indica que (i) o falante tem em mente uma entidade específica no momento de fala, do que resulta o uso do artigo definido, (ii) mas não pode ou não deseja identificá-la. Trata-se, portanto, de quantificação e vagueza na referência, conforme justificado adiante.

Quanto à noção de quantificação, apenas uma única entidade ou um subgrupo de entidades é delimitado na referência. Por exemplo, em (2a-c), apenas uma entidade está sendo referida (um colega, o menino, aquela mulher), e, em (2d, e), um subgrupo de entidades (umas certas panelinhas velhas ou certo(s) desenho(s) animado(s)) está sendo referido.

Quanto à noção de identificação vaga, tanto 'lá' não locativo quanto 'qualquer' rejeitam nomes próprios.⁷

- (9) a. Vi um ator qualquer da novela das 8 no shopping.
a'. *Vi o Márcio Garcia qualquer da novela das 8 no shopping.
b. Vi o ator lá que sempre assiste TV no sala de espera do aeroporto.
b'. *Vi o Márcio Garcia lá que sempre assiste TV na sala de espera do aeroporto.

⁷ Parece que existem situações nas quais 'lá' não rejeitaria nome próprio, por exemplo, "Aquele João lá é preguiçoso". Alegamos que isso se dá, pois, nesse caso, 'lá' não demarcaria que a identificação do referente é dispensável, mas sim que o referente em si é irrelevante ou de pouco valor. Portanto, além de ser marcador de especificidade, sinalizando que o falante tem um referente específico em mente, 'lá' seria também um modificador depreciativo, neste caso, e não um marcador de identificação vaga. Portanto, é preciso distinguir o 'lá' específico e marcador de identificação vaga do 'lá' específico e modificador depreciativo. Este é compatível com nome próprio, pois a identidade do referente pode ser explicitada; aquele é incompatível com nome próprio, pois é usado justamente para caracterizar a identidade do referente como dispensável para os propósitos comunicativos.

‘Lá’ e ‘qualquer’ se assemelham ainda na distribuição sintática, sendo ambos pós-nominais. Além disso, por um lado, ‘lá’ e ‘qualquer’ podem anteceder ou suceder adjetivos, possessivos e genitivos compostos por NPs nus, sem deixar de se referirem ao N núcleo, conforme exemplos em (10).

(10)

	‘qualquer’	‘lá’
a. adjetivos	Aconteceu um terremoto num país (qualquer) asiático (qualquer).	“pegu umas panelinha (lá) veia (lá)”.
b. possessivos	Aconteceu tumulto em uma aula (qualquer) minha (qualquer).	“Eu tinha um colega (lá) meu (lá)”.
c. genitivo sem determinante	Ele usou uma panela (qualquer) de ferro (qualquer) do armário velho.	Ele usou uma panela (lá) de ferro (lá).

Por outro lado, ‘lá’ e ‘qualquer’, se pospostos a genitivo composto por N mais determinante e a complemento nominal, deixam de se referir ao N núcleo, conforme exemplos em (11).

(11)

	‘lá’	‘qualquer’
Genitivo com determinante	a. Comprei [um livro lá] da Psicolinguística.	c. Comprei [um livro qualquer] da Psicolinguística.
	b. Comprei um livro [da Psicolinguística] lá (locativo).	d. *Comprei um livro [da Psicolinguística] qualquer .
Complemento nominal	e. [Uma reação lá] ao comentário gerou tumulto na reunião.	g. [Uma reação qualquer] ao comentário gerou tumulto na reunião.
	f. Uma reação [ao comentário] lá gerou tumulto na reunião.	h. *Uma reação [ao comentário] qualquer gerou tumulto na reunião.

Contudo, ‘lá’ e ‘qualquer’ diferem no aspecto em que ‘qualquer’ deve coocorrer apenas com artigo indefinido, enquanto ‘lá’ pode coocorrer não apenas com artigo

indefinido, mas também com artigo definido, demonstrativo e NP nu, conforme paralelo em (12).

(12)

	'lá'	'qualquer'
Art. indefinido	"eu tinha [um colega meu lá] que ele trabalhava ...".	Comprei [um livro qualquer] do Paulo Coelho. Não me lembro o nome exatamente.
Art. definido	"Aí eu fico assistindo [...] É um desenho que [o menino lá] gosta muito de esporte".	*Comprei [o livro qualquer] do Paulo Coelho.
Demonstrativo	"tinha [aquela mulher lá] que veio aqui... éh: comé que chama?".	*Comprei [aquele livro qualquer] do Paulo Coelho.
NP nu	"quando eu acabo o dever, é, eu vejo [desenho lá]".	* quando eu acabo o dever, eu vejo [desenho qualquer].

Além disso, 'lá' e 'qualquer' podem coocorrer. Assim, como 'lá' pode suceder ou anteceder modificadores, 'lá' pode suceder 'qualquer', em (13a), ou antecederlo, em (13b).

- (13) a. "poh tem um amigo meu de infância, que foi numa livraria comigo, e mais um amigo nosso. Então, um dos meus amigos tava a fim de comprar [um livro **qualquer lá**], mas eu não me lembro o título".⁸
 b. Então, um dos meus amigos tava a fim de comprar [um livro **lá qualquer**], mas eu não me lembro o título.

Em suma, as semelhanças entre 'lá' e 'qualquer' são basicamente a possibilidade de receberem a mesma paráfrase, a posição pós-nominal e a possibilidade de preceder e suceder modificadores pós-nominais. As diferenças residem no fato de que 'qualquer' pode ocorrer com apenas um tipo de determinante pré-nominal, qual seja, artigo indefinido, enquanto 'lá' pode ocorrer com vários tipos de determinantes ou mesmo com NP nu.

⁸ Henry (2010).

'Lá' não locativo e 'this' indefinido específico

Marchant (1994) explica que *this N* ('este N', 'esta N') pode ter diferentes usos no inglês que envolvem dêixis: espacial (14), discursiva (15) e emocional (16).

- (14) a. A: "**This** house is always dark and cold." (MARCHANT, 1994, p.10).
Esta casa é sempre escura e fria.
B: "*Cold. It is freezing in here.*" (MARCHANT, 1994, p.10).
Fria? É gelado aqui.
- b. A: "*Ok, which one is it, the blue one?, the blue?*" (MARCHANT, 1994, p.11).
Ok, qual destas? A azul? Seria esta?
B: "*It was **this** one.*" (MARCHANT, 1994, p.11).
Foi esta.
- (15) "*Death and suicide were the main topic in convicted killer Gary Mark Gilmore's conversations with his girlfriend Nicole Barret in the weekend preceding suicide attempts by both. Nicole confided **these** conversations to me.*" (MARCHANT, 1994, p.14).

Morte e suicídio foram os principais tópicos nas conversas do assassino sentenciado Gary Mark com sua namorada Nicole Barret no final de semana anterior às tentativas de suicídio de ambos. Nicole confidenciou essas conversas a mim.

- (16) a. "*There is **this** scene in, what was that movie, The Adventures, **this** lady – she wanted an escort man, you know, to take her places, you know, what do they call them, not gigolos, no, no-no, uh boy.*" (MARCHANT, 1994, p. 17).

Tem uma⁹ cena em, qual era mesmo o nome do filme? *The adventures*, uma senhora – ela queria um homem para escoltá-la, sabe, para levá-la nos lugares, sabe, de que eles são chamados? não gigolôs, não, não, uh garoto.

- b. "*The drinking fountain in across from my cell and it is really funny the way some of these guys drink water. **This** one dude sucks up the water for 2 or 3 minutes at a time! He 'bout got in a fight cause of it yesterday.*" (MARCHANT, 1994, p. 19).

⁹ A tradução de *this* por artigo indefinido (16a) ou por 'certo' (16b) se justifica porque, segundo Marchant (1994, p.18), 'this' indefinido pode ser substituído, em alguns casos, por artigo indefinido com interpretação específica [the fact that '(a)n' has a specific use provides us with a test for indefinite 'this' (MARCHANT, 1994, p.18)] ou pelo pronome indefinido 'certo' [if the word 'particular' or 'certain' can be inserted before the noun without changing the intended meaning, then the use is specific (MARCHANT, 1994, p.18)]. Além disso, acreditamos que uma outra tradução apropriada para 'this scene' (16a), 'this lady' (16a), 'this one dude' (16b) e 'this man' (18) seria, respectivamente, "uma cena lá", "a mulher lá", "um almofozinha lá" e "um homem lá", segundo correlação entre 'lá' e 'this' que será abordada adiante.

A fonte de tomar água atrás da minha cela e é realmente engraçado o modo como alguns desses caras tomam água. Um certo almofadinha toma a água durante 2 a 3 minutos de uma vez só! Ele quase entrou numa briga por causa disso ontem.

Em (14a), 'this house' se refere à casa onde os participantes estão no momento de fala. Portanto, não há necessidade de um gesto indicativo para a identificação do referente. Em (14b), diferentemente, esse gesto é necessário para a identificação da entidade referida 'this one' entre as outras que se encaixam na descrição, isto é, o falante deve "oferecer alguma indicação física de qual taça *this one* se refere, talvez o falante segure e levante a taça para o ouvinte vê-la"¹⁰ (MARCHANT, 1994, p. 10, tradução nossa). Portanto, em (14), as ocorrências de *this* são classificadas como dêixis espacial.

Em (15), a dêixis é do tipo textual ou discursiva visto que "*these conversations*" correfere-se anaforicamente ao sintagma "*convicted killer Gary Mark Gilmore's conversations with his girlfriend Nicole Barret in the weekend preceding suicide attempts by both.*"

Por último, (16) são exemplos de dêixis emocional. Trata-se de uma classificação bastante fluida para abarcar os usos de *this* e outros demonstrativos que não são nem espaçotemporais nem textuais e que, em geral, não contribuem para a determinação da referência, podendo ser elididos. Além disso, essa nomenclatura justificar-se-ia porque, "assim como *this* espacial é usado para objetos próximos do falante, o uso emocional de 'this' também comunica um sentido de proximidade"¹¹ (MARCHANT, 1994, p. 16, tradução nossa). No entanto, é preciso destacar que, para Ionin (2006, p.179), "[...] o significado que *this*_{ref} carrega não é simplesmente uma extensão de seu uso dêitico demonstrativo."¹² Trata-se, segundo a autora, de dois itens lexicais diferentes.

De acordo com Marchant (1994), *this* indefinido (16) pode ser identificado, no mínimo, de duas maneiras: (i) quando 'this' pode ser substituído por artigo indefinido, o que se aplica a (16a): 'a scene' and 'a lady', ou (ii) quando 'this', seguido de numeral, pode ser elidido sem alterar o significado da sentença, o que se aplica a (16b): '(this) one dude'.

Quanto à elisão, de acordo com Marchant (1994, p.19), quando '*this*' indefinido coocorre com numeral, ele "[...] não contribui com informações necessárias para

¹⁰ "k must provide some physical indication of which cup this one refers to, perhaps by holding it out to M to see" (MARCHANT, 1994, p.10).

¹¹ "Like spacial 'this' which is used for objects that are close at hand, emotional uses of 'this' also communicate a sense of closeness." (MARCHANT, 1994, p.16).

¹² "the meaning carried by 'this'_{ref} is not simply an extension of the deictic use of the demonstrative." (IONIN, 2006, p.179).

que o destinatário identifique o referente no sentido em que, tanto na versão original, quanto na versão em que *this* é apagado, o destinatário deve construir uma representação nova.”¹³ do referente introduzido.¹⁴

Por sua vez, quanto à possibilidade de substituição por artigo indefinido, “[...] diferentemente do artigo indefinido, *this* indefinido é necessariamente específico, isto é, o falante deve ter um indivíduo específico em mente para usar *this* indefinido de modo apropriado.”¹⁵ (MARCHANT, 1994, p.17-18, tradução nossa). Em (16a), por exemplo, dentre as várias cenas e personagens do filme mencionado, o falante se refere a uma cena específica e uma personagem específica. O mesmo ocorre quando o falante se refere ao garoto que toma água.

É interessante notar as semelhanças entre ‘lá’ não locativo e *this* indefinido. Inicialmente, *this* seria um demonstrativo indicador de local próximo do falante, enquanto ‘lá’ seria um advérbio indicador de local distante do falante. No entanto, ambos deixam de atuar como dêiticos locativos nos exemplos (16) e (2), respectivamente, e passam a ter um uso “vago” ou “indefinido” na identificação do referente. Além disso, ambos são operadores de especificidade, isto é, indicam que o falante tem em mente uma entidade específica ao se referir a ela.

Sinalizamos a palavra “indefinido” entre aspas porque, como foi mostrado por Marchant (1994), nem todos os usos de *this* indefinido podem realmente ser substituídos por artigo indefinido *a(n)*, por exemplo, quando *this* é seguido por numeral (16b). Além disso, como foi mostrado na comparação de ‘lá’ com ‘qualquer’ (8), a correta paráfrase de DPs contendo ‘lá’ não locativo não seria com artigo indefinido, ao contrário, seria com artigo definido.

De acordo com Marchant (1994), a diferença entre uma expressão indefinida e uma expressão definida é que, enquanto a primeira se abre a uma classe de entidades, a segunda se refere a um membro específico (ou subconjunto) de uma classe de entidades. Portanto, expressões genéricas como ‘gatos’, em “Gatos são mamíferos”, são não específicas porque se referem a uma classe e não a um membro.

¹³ “it contributes no information needed by the addressee to identify the referent in the sense that, in both the original and the deleted version, the addressee must construct a new representation” (MARCHANT, 1994, p.19).

¹⁴ Um outro exemplo que esclarece tais afirmações é (16c).

(16) c. “*These two guys are gonna help move the piano*” (MARCHANT, 1994, p.19).

(Estes) dois caras vão ajudar a mover o piano.

De acordo com a autora, se *these* for entendido como definido, a sua elisão transforma o NP em indefinido. Contudo, se *these* for entendido como indefinido, o NP permanece indefinido depois da elisão. Portanto, a presença ou ausência de *this* indefinido, quando seguido de numeral, não contribui para a identificação do referente, sendo que o ouvinte terá de construir uma representação para o referente de *two guys*.

¹⁵ “Unlike the indefinite article, indefinite ‘this’ is necessarily specific, which is to say, the speaker must have a particular individual in mind in order to use it felicitously” (MARCHANT, 1994, p.17-18).

Também artigos indefinidos são não específicos quando permitem que qualquer entidade pertencente à descrição dada inclua-se no que foi referido. Por exemplo, em “*Johanna wants to catch a fish and eat it*” (A Joana quer pegar um peixe e comê-lo) (MARCHANT, 1994, p.18), qualquer peixe satisfaria seu desejo igualmente.

Nas palavras de Marchant (1994, p.21, tradução nossa),

A(n) e *the* diferem entre si no modo como eles delimitam o conjunto de referentes possíveis: *the* sinaliza que o ouvinte deve isolar uma entidade singular que se insere na descrição, enquanto *a(n)* sinaliza que pode haver mais de uma entidade que se insere na descrição [...].¹⁶

Nesse ponto da discussão, seria importante pensar em que medida a noção de quantificação está envolvida no uso de *this* indefinido e ‘lá’ não locativo. Ao fazer uso de *this*, o falante tem em mente uma única entidade ou um subgrupo específico de entidades. O mesmo se aplica a ‘lá’. Portanto, a noção de especificidade acarretaria um valor de quantificação, visto que um único referente ou um conjunto específico de referentes é delimitado em uma classe.

Em resumo, ‘lá’ se assemelha a *this* indefinido específico – *specific indefinite* (HEIM, 1988, p.220) – basicamente pelo fato de que ambos indicam que o falante se refere a uma entidade específica, embora não a identifique.

‘Lá’ não locativo e o conceito de especificidade

De acordo com Lyons (1999, p.165), sentenças como “*I bought a car*” (Eu comprei um carro) e “*Pass me a book*” (Me passe um livro) se assemelham porque, em nenhuma das duas, o referente pode ser identificado pelo ouvinte, mas também diferem entre si, porque, enquanto a primeira refere-se a algo específico para o falante, a segunda não.

Da mesma forma, enquanto, em (17a), o falante tem um referente específico em mente para o DP *a colleague of mine*, em (17b), não há nenhum referente específico em mente para o mesmo DP. Assim, NPs indefinidos podem ser específicos ou não específicos.

(17) a. “*Sarah wants to talk to a colleague of mine – Jane Brown, who is very famous.*” (IONIN, 2006, p.182).

Sarah quer falar com uma colega minha – Jane Brown, que é muito famosa.

¹⁶ “*A(n)* and *the* differ in how they limit the set of possible referents: *the* signals that the addressee can isolate a unique entity that fits the description, whereas *a(n)* signals that there may be more than one entity that fits the description” (MARCHANT, 1994, p.21).

b. “Sarah wants to talk to a colleague of mine – any colleague will do.” (IONIN, 2006, p.182).

Sarah quer falar com uma colega minha – pode ser qualquer uma.

This indefinido, segundo Lyons (1999), constitui-se como uma alternativa para o artigo indefinido, no inglês coloquial. Assim, *this* coloquial (*colloquial ‘this’*) ou *this* indefinido é uma maneira de se indicar a leitura específica de um NP, conforme visto nos exemplos (16) e no exemplo (18) adiante.

(18) “I was walking to work yesterday morning, when **this** man came up to me and asked if I was a news announcer.” (LYONS, 1999, p.176).

Eu estava caminhando para o trabalho ontem pela manhã, quando um homem me abordou e perguntou se eu era um anunciante de notícias.

This indefinido insere-se em um fenômeno conhecido como especificidade que se manifesta em outras línguas, por meio de artigos e partículas, como é o caso das línguas samoas, maori, sango e turco, exemplificadas por Lyons (1999).

Assim, o autor chama atenção para

[...] o fenômeno no qual uma língua codifica algo que parece definitude, mas não é exatamente. Uma categoria assim codificada é expressa tipicamente por uma partícula que contém características posicionais e morfo-fonológicas de um artigo. Essa categoria é ou distinta de definitude, embora cruze essa definição, ou mais ampla e, como tal, inclui definitude. A categoria em questão corresponde em parte ao conceito de **especificidade**.¹⁷ (LYONS, 1999, p.57, tradução e grifo nosso).

De acordo com Lyons (1999), na língua samoana, *le* é um artigo específico e *se* é um artigo não específico. Entretanto, *se* (19) “é também usado quando há um referente particular, mas a identidade dele ou não é conhecida plenamente pelo falante, ou é considerada irrelevante e desinteressante”¹⁸ (LYONS, 1999, p.58, tradução nossa).

(19) *Sa fesili mai se tamaitai pó-o ai l-o ma tama*
PAST ask DIR ART lady WH PRT who ART POSS 1EXCDU¹⁹ father
“A lady asked us who our father was” (LYONS, 1999, p.58).
Uma senhora nos perguntou quem era nosso pai.

¹⁷ “[...] the phenomenon of a language encoding something which resembles definiteness, but not very closely. A category is expressed, typically by a particle with the positional and morphophonological characteristics of an article, which is either distinct from definiteness yet cuts across it, or is broader than, and inclusive of, definiteness. The category in question corresponds in part to the concept of specificity” (LYONS, 1999, p.57).

¹⁸ “It is also used where there is a particular referent but the identity of this is either not known exactly to the speaker or considered unimportant or uninteresting” (LYONS, 1999, p.58).

¹⁹ DIR=direção; PRT=partícula; 1EXC=primeira pessoa exclusiva; DU=número dual; TNS=tempo; ASP=aspecto.

Semelhantemente, na língua maori (20), o item *teetahi* (composto por *te* e *tahi* 'one', plural *eetahi*) é indefinido específico e se diferencia de *te* artigo definido e de *he* indefinido não específico.

- (20) *kei-te maatakitaki a Mere ... i eetahi koti*
TNS-ASP gaze ART Mere OBJ ART coat
"Mere ... is looking at some coats" (LYONS, 1999, p.59).
Mere está olhando para alguns casacos.

No sango (21), por sua vez, a partícula pós-nominal *ní* "combina definido com indefinido específico contrastando com indefinido não específico".²⁰ (LYONS, 1999, p.60, tradução nossa).

- (21) *Auto afáa mebéni méréngé ní.*
Car had-killed certain child ART
"A car had killed a child" (LYONS, 1999, p.59).
Um carro matou uma criança.

No turco, o artigo cardinal *bir*, limitado essencialmente a NPs indefinidos específicos, tende a ser omitido quando a identidade do referente não é importante (LYONS, 1999, p.178). Coincidentemente, no inglês, o demonstrativo indefinido pode ser omitido quando é seguido de numeral (MARCHANT, 1994) e também, no português, 'lá' não locativo pode ser omitido em qualquer uma das suas ocorrências em (2).

A partir dos exemplos analisados, Lyons (1999) conclui que a noção de especificidade abarca "casos nos quais o falante pode estar na situação de identificar o referente do sintagma nominal e escolhe tratar a identidade desse referente como significativa ou não."²¹ (LYONS, 1999, p.178, tradução nossa). Visto que esse é o papel admitido por 'lá' pós-nominal, acreditamos que 'lá' pode ser analisado como um operador de especificidade na estrutura do DP no PB.

Para sustentar essa hipótese, além das semelhanças semânticas apresentadas acima entre 'lá' e itens marcadores de especificidade, há de se destacar a incompatibilidade de 'lá' com contextos genéricos (22).

- (22) *Gatos lá são mamíferos.

Em suma, 'lá', à semelhança das partículas indefinidas específicas, parece atuar como um operador de especificidade,²² pois ocorre em estruturas

²⁰ "ní [...] combines definite with specific indefinite, contrasting with non-specific indefinite" (LYONS, 1998, p.60).

²¹ "embrance instances where the speaker may be in a position to identify the referent of the noun phrase but chooses to treat its identity as significant or not" (LYONS, 1998, p.178).

²² Segundo Tavares (2001), "SNs indefinidos com *aí* e *certo* são marcados para a especificidade: não referem-se a qualquer elemento, mas sim a um elemento específico." (TAVARES, 2001, p.3), conforme exemplos em (i).

nominais que delimitam um referente (ou subgrupo de referentes) em uma classe. Além disso, 'lá' parece atuar como um operador de identificação vaga, à semelhança de 'qualquer', visto que a identificação do referente é tratada como dispensável.

Tendo abordado nesta seção as propriedades semânticas e sintáticas de 'lá' pós-nominal nas sentenças (2), podemos explorar, na seção seguinte, os instrumentos necessários para um tratamento formal desses dados.

A posição do NP e de XPs modificadores na estrutura nominal

No estudo da sintaxe dos advérbios, Cinque (1999) propõe que advérbios são inseridos por *merge* na posição de especificador de diferentes categorias funcionais e, assim sendo, checam traços do núcleo destas categorias. Nesse sentido, para o autor, AdvPs são ordenados de modo rígido em respeito à hierarquia universal de categorias funcionais que constituem a estrutura sentencial, tais como modalidade, modo, aspecto, tempo, negação, etc.

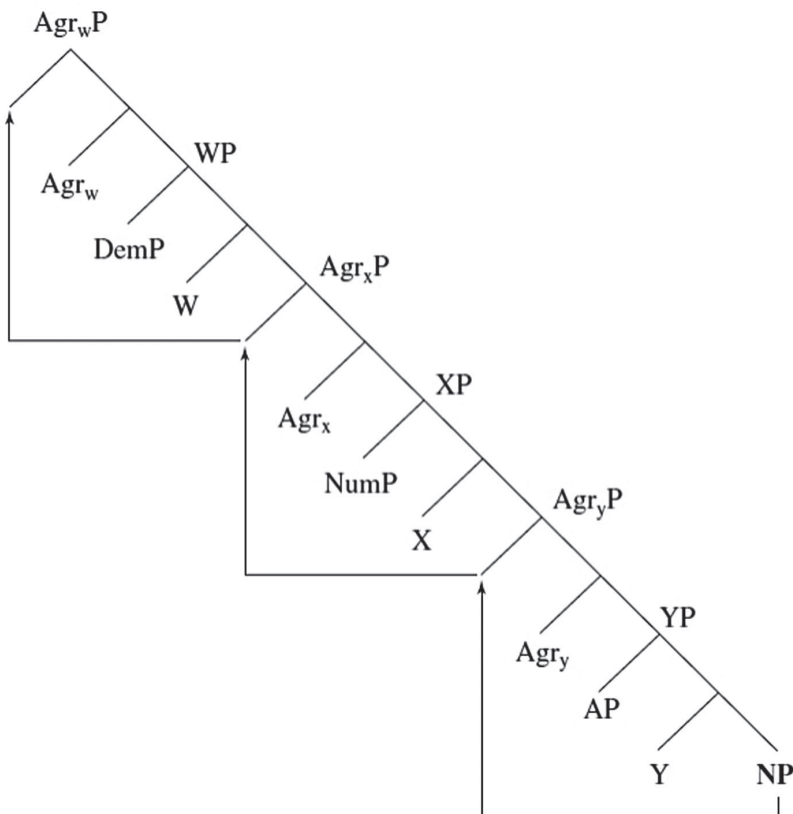
A estrutura nominal, assim como a estrutura sentencial, também disponibiliza uma hierarquia de projeções funcionais, que é determinada pela Gramática Universal. De acordo com Cinque (2005), os modificadores são gerados em uma ordem fixa pré-nominal, qual seja, Dem > Num > A > N. Assim, as diferentes ordens atestadas nas línguas resultam do movimento da projeção máxima NP (e não do núcleo) para posições de Spec em categorias funcionais (AgrP) geradas acima dos modificadores, conforme mostrado na figura 2.

(i) a. "A Cátia deve vencer uma atleta AÍ se quiser ser a primeira do ranking" (TAVARES, 2001, p.2).

b. "A Cátia deve vencer uma CERTA atleta se quiser ser a primeira do ranking" (TAVARES, 2001, p.2).

Além disso, "a identidade do que é referido no SN indefinido não vem ao caso. Ou seja, o falante, ao utilizar o 'ai' especificador, implica que é pouco importante para o ouvinte saber mais sobre o referente do SN ou que ele (falante) não quer dizer mais." (TAVARES, 2001, p.8-9). Como se vê, todas essas propriedades de 'ai' são compartilhadas por 'lá', corroborando sua análise como marcador de especificidade. Porém, uma comparação mais detalhada entre 'ai' e 'lá' poderá ser desenvolvida em outra oportunidade, considerando-se também as suas diferenças. Por exemplo, 'ai' rejeita artigo definido na sua leitura específica (TAVARES, 2001, p.4), restrição que não se aplica a 'lá'.

Figura 2 – A cartografia do DP e o alçamento do NP.



Fonte: Cinque (2005, p.317).

As categorias AgrP, geradas acima de cada projeção funcional, são justificadas por Cinque (2005, p.325-326, tradução nossa) da seguinte maneira:

Suponhamos que cada sintagma (aquele contendo um Sintagma Adjetival, outro contendo o Sintagma de Número, outro contendo o Sintagma Demonstrativo, etc.) precise ser dotado com um traço nominal para ser licenciado (i.e., para ser contado como parte da projeção estendida do NP) e que isso possa ser realizado inserindo, por *merge*, acima dele um núcleo Agr(eement) cujo Spec, em última instância, venha a ter esse traço nominal.²³

²³ “Suppose that each phrase (the one containing an Adjective Phrase, the one containing the Number Phrase, etc.) needs to be endowed with a nominal feature to be licensed (i.e., to count as part of the extended projection of NP), and that this can be brought about by merging above it an Agr(eement) head whose Spec ultimately comes to have such a nominal feature” (CINQUE, 2005, p.325-326).

Assim, o licenciamento desse traço que caracteriza o item como pertencente à estrutura nominal pode se dar simplesmente a partir do *merge* de Agr ou a partir do movimento do NP para Spec,AgrP. O movimento, por sua vez, pode decorrer de duas formas: o NP pode alçar sozinho ou conjugado com um XP, em *pied-piping*.²⁴ O primeiro tipo justifica as ordens (23a - c), enquanto o segundo justifica as ordens (23d - f), havendo ainda outras ordens possíveis.

- (23) a. Dem Num **N** A
 b. Dem **N** Num A
 c. **N** Dem Num A
 d. A **N** Dem Num
 e. **N** A Dem Num
 f. Dem A **N** Num

Em (1a), o NP alça acima de um nó, em (1b), acima de dois nós e, em (1c), acima de três nós, sem *pied-piping*. Diferentemente, em (1d), o NP alça juntamente com o nó AP em *pied-piping* [AP [NP]]; em (1e), o NP alça inicialmente para Spec,Agr_yP acima de AP e então, por *pied-piping*, [NP [AP]] alçam para Spec,Agr_xP, acima de NumP, e, posteriormente, para Spec,Agr_wP, acima de DemP; por fim, em (1f), por *pied-piping*, [AP [NP]] alçam para Agr_xP acima de NumP. Trata-se de um alçamento parcial que cruza apenas NumP.

Recapitulando, a variação na ordem dos modificadores na estrutura do DP é explicada a partir do movimento do NP, como projeção máxima, para Spec,AgrP. Além disso, cada categoria é licenciada por um AgrP como indicativo de pertencimento à estrutura nominal.

Análise formal de 'lá' operador de especificidade

Nesta seção, atemo-nos à análise de 'lá' como Spec,QP. Para isso, abordamos inicialmente evidências independentes para a análise desse advérbio²⁵ em uma

²⁴ *Pied-piping* refere-se ao movimento de uma categoria que arrasta outra(s) consigo. De acordo com Radford (2004, p.212, tradução nossa), "a metáfora *pied-piping* foi cunhada por Ross (1967) com base em um conto de fadas tradicional no qual o *pied-piper* (flautista), na vila de Hamelin, atraiu um grupo de crianças, fazendo-as segui-lo para fora da vila infestada de ratos, ao tocar sua flauta". Versão original: "*The pied-piping metaphor was coined by Ross (1967), based on a traditional fairy story in which the pied-piper in the village of Hamelin enticed a group of children to follow him out of a rat-infested village by playing his pipe*" (RADFORD, 2004, p.212).

²⁵ Um parecerista anônimo observa que "o uso do termo 'advérbio' é restrito a modificadores verbais ou adjetivais; se 'lá' está relacionado com o DP/NP, a designação 'advérbio' é um tanto imprópria". Entretanto, a observação feita não nos parece pertinente. Cinque (1999) distingue advérbios propriamente ditos de itens adverbiais ou circunstanciais. A primeira classe é composta por AdvPs, como 'já', sempre, frequentemente, etc., que checam traços dos núcleos de categorias funcionais, na posição de especificador. A segunda classe é composta por itens adverbiais indicadores de circunstância (tempo, lugar, razão, etc.) e ocupam a posição de adjunto. Esta classe é realizada tipicamente por itens que não são advérbios, mas NPs nus ou PPs, tais como, 'amanhã', 'na

projeção de quantificação; posteriormente, apresentamos a derivação de pelo menos uma das sentenças em (2).

Observamos anteriormente que, segundo Lyons (1999), muitas línguas possuem partículas para sinalizar especificidade, isto é, para fazer referência a uma entidade específica cuja identidade não é considerada significativa pelo falante. No inglês, porém, não existem partículas dedicadas especialmente para esse fim. Então, *this*, inicialmente um demonstrativo, assume esse caráter de especificidade em usos coloquiais.

Nossa hipótese, conforme explicado acima, é que, assim como *this*, 'lá' assume a mesma função dos operadores de especificidade. Essa função, no português, também parece ser desempenhada por 'qualquer' pós-nominal, conforme descrito por Móia (1992). Assim, estruturas com 'lá' pós-nominal podem selecionar uma entidade ou um subgrupo específico de entidades da classe descrita. Nesse sentido, pode-se alegar que existe um valor de quantificação nas estruturas com 'lá' não locativo pós-nominal.

Para além da seleção de uma entidade ou subgrupo de entidades em uma classe, evidências independentes sugerem que 'lá' faz parte de uma projeção OP, visto que pode preceder intensificadores e quantificadores universais. Por isso, justificar-se-ia uma proposta unificada de análise.

Evidências independentes para a projeção OP

Além do uso não locativo de 'lá' em posição pós-nominal, que é o foco deste trabalho, observa-se que há outros usos de 'lá' em posição pré-nominal antecedendo intensificadores (24) e quantificadores universais (25).

(24) Eu não tenho [lá tanto talento em esportes].

cozinha', 'por três horas', etc. Outra diferença é que os advérbios propriamente ditos ocupam posição rígida enquanto os circunstanciais são mais flexíveis. As diferenças apontadas podem ser conferidas nas palavras de Cinque (1999, p. 28): "*In this section I briefly consider the class of adverbials, sometimes called circumstantial [...] which follow the verb's complements within the VP. They comprise a varied selection of elements: place, time, manner, means, company, reason, purpose, and so forth [...] they appear to differ from the adverb classes just considered (the AdvPs proper) in not being rigidly ordered with respect to one another [...] Circumstantial adverbials also differ from AdvPs proper in that they are typically realized (with the partial exception of manner adverbials) in prepositional form (for three hours, in the kitchen, with great zeal, for your love, in a rude manner, with a bicycle, etc.) or in bare NP form (the day after, tomorrow, this way, here, etc).*" Diante do que foi exposto, a análise aventada neste artigo contrasta dois diferentes usos de 'lá'. Em um deles, 'lá' seria um item circunstancial indicador de lugar ("Vi o menino lá (no refeitório)") e, portanto, faria parte da classe dos itens circunstanciais. Em outro uso, 'lá' seria um marcador de especificidade ("umas panelinha veia lá") em Spec de uma categoria funcional e, portanto, faria parte da classe dos advérbios propriamente ditos. Nesse sentido, não há impropriedade na utilização do termo 'advérbio'. Aliás, ao contrário do que sugere o parecerista, são os itens circunstanciais que atuam como "modificadores verbais" e não os advérbios propriamente ditos. Estes atuam exatamente no domínio funcional do CP e do DP.

- (25) a. Seja [**lá quem** for], receba com educação.
b. Seja [**lá qualquer** pessoa que for], receba com educação.

De acordo com Giusti (1991, p.443), “Q é um núcleo funcional [...] que seleciona um sintagma nominal definido (DP), como em *todos os garotos*, ou um sintagma nominal indefinido (NP), como em *muitos garotos*”.²⁶ Sendo assim, em (24), Q^o, encabeçado por ‘tanto’, selecionaria o NP ‘talento em jogos’ como seu complemento, conforme derivação na figura 3. Por sua vez, em (25b), Q^o, encabeçado por ‘qualquer’, selecionaria o NP ‘pessoa que for’ como seu complemento. Por fim, em (25a), Q^o, encabeçado por uma categoria vazia (e.c.) contendo os mesmos traços de ‘qualquer’ em (25b), selecionaria o NP ‘quem for’ como seu complemento.

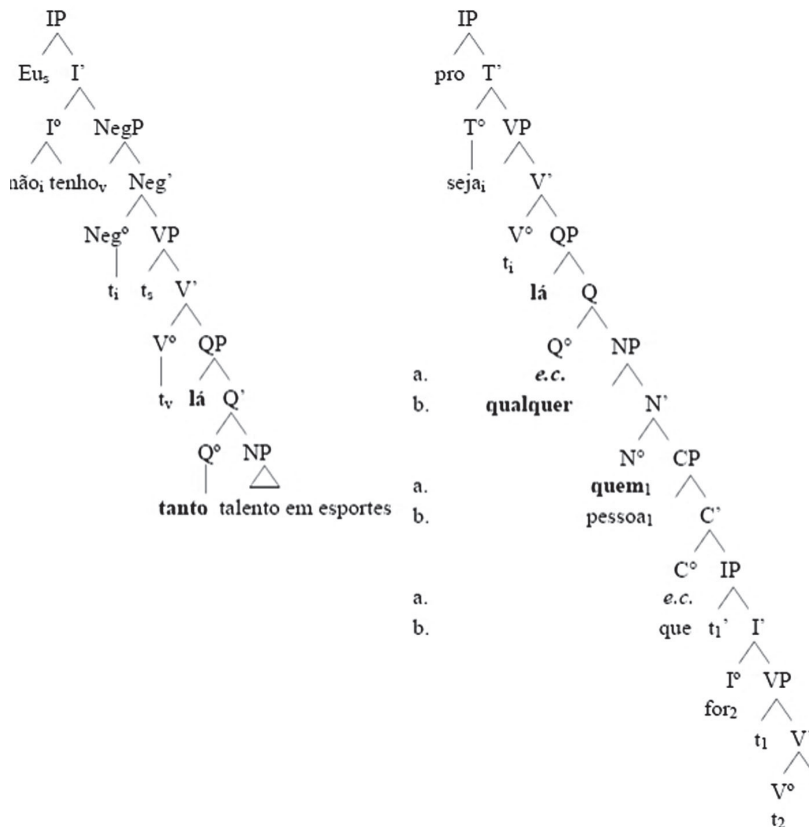
Em (24), ‘lá’ precede ‘tanto’ e, em (25a), ‘lá’ precede ‘quem’ que significa, nesse caso, ‘qualquer pessoa’, como em (25b). A nossa hipótese, portanto, consiste em dizer que ‘lá’, em (24) e em (25), é inserido por *merge* em Spec,OP na estrutura do DP (PEREIRA, 2010b, p.366-367), conforme derivação na figura 3.

²⁶ “Q is a functional head [...] that selects a definite nominal (DP), as in *all the boys*, or an indefinite nominal (NP), as in *many boys*” (GIUSTI, 1991, p.443).

Figura 3 – A posição hierárquica de 'lá' em estruturas com intensificadores e quantificadores universais.

(24) Eu não tenho **lá tanto** talento em esportes.

(25) a. Seja **lá quem** for ...
 b. Seja **lá qualquer** pessoa que for ...



Fonte: Elaboração própria.

A proposta seria então estender a mesma análise para os dados em (2a - e), apresentados na introdução deste artigo, nos quais 'lá' faria parte de um QP, operador de especificidade, à semelhança de 'qualquer' pós-nominal.

Apesar de (2), (24) e (25), repetidos abaixo, terem em comum o fato de que 'lá' seria gerado em Spec,QP, 'lá' ocupa projeções QP localizadas em diferentes posições na estrutura do DP e dotadas com diferentes traços funcionais.

(2) a. eu tinha [um colega meu **lá**]

(24) Eu não tenho [**lá tanto** talento em esportes].

- (25) a. Seja [**lá quem** for], receba com educação.
b. Seja [**lá qualquer** pessoa que for], receba com educação.

Em (24), 'lá' é inserido em uma projeção QP que contém traços de intensidade e que é alta, pois 'lá' antecede o núcleo nominal e também o quantificador 'tanto'. Em (25), 'lá' é inserido igualmente em uma projeção QP alta, que contém, porém, traços de quantificação universal. Em (2), diferentemente, 'lá' é inserido em uma projeção QP que contém traços de especificidade e que está situada em uma posição baixa na estrutura do DP, pois 'lá' é rigidamente pós-nominal e, além disso, pode suceder modificadores.

'Lá' operador de especificidade em Spec,QP

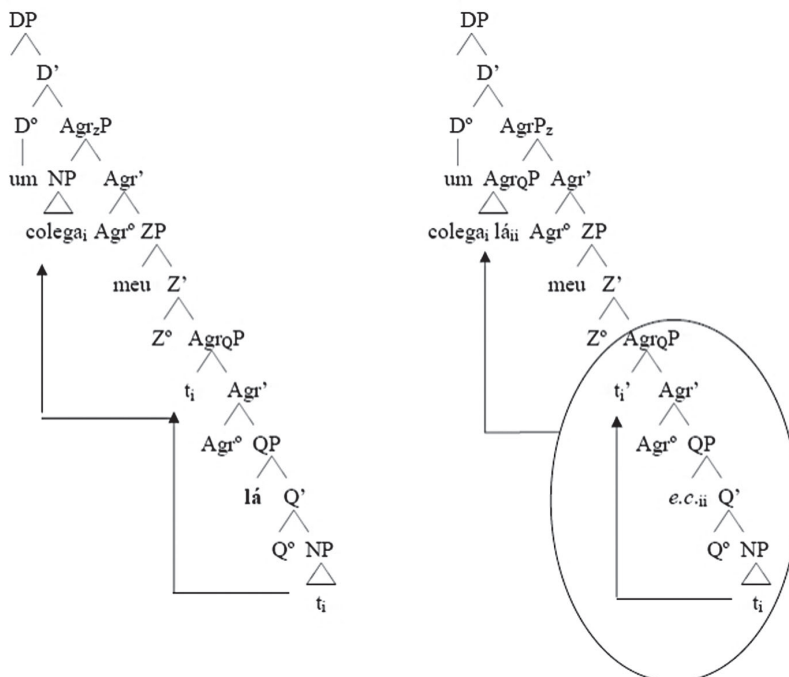
De acordo com o que foi exposto nas seções anteriores, 'lá' pós-nominal seria inserido por *merge* em uma posição baixa na estrutura do DP. Essa posição seria, provavelmente, a primeira localizada acima de NP e abaixo dos modificadores. Isso explicaria, portanto, por que 'lá' pode estar posposto a modificadores. Além disso, a posição pós-nominal de 'lá' seria explicada pelo movimento do NP (CINQUE, 2005) para SpecAgr_ZP, conforme derivação de (2a) em (26). Por sua vez, a possibilidade de 'lá' anteceder modificadores pós-nominais seria explicada, a partir da proposta de Cinque (2005), pelo movimento do NP juntamente com 'lá' por *pied-piping*, conforme derivação em (27).²⁷

²⁷ A proposta de derivação em (26) e em (27) reformula drasticamente a hipótese de análise apresentada em Pereira (2009).

Figura 4 – A posição de ‘lá’ marcador de especificidade na cartografia do DP.

(26) “um colega meu lá”

(27) “um colega lá meu”



Fonte: Elaboração própria.

Considerações finais

Para descrever e analisar as propriedades sintáticas e semânticas de ‘lá’ pós-nominal não locativo, exploramos as relações que podem ser estabelecidas entre esse item e estruturas com: ‘lá’ locativo pós-nominal, ‘qualquer’ pós-nominal, ‘this’ indefinido específico e partículas de diferentes línguas que servem para fazer referência a entidades específicas cuja identidade não é considerada relevante pelo falante.

Na relação com ‘lá’ locativo pós-nominal, uma primeira diferença é semântica e refere-se ao fato de que ‘lá’ locativo é dêítico, enquanto ‘lá’ não locativo não sustenta valor dêítico; ao contrário, adquire um valor especializado. Sintaticamente, ‘lá’ locativo é agramatical com pronome demonstrativo de segunda e de primeira pessoa, com artigo indefinido e com NP nu. Diferentemente, ‘lá’ não locativo pós-nominal não apresenta tais restrições. Outra diferença é que, enquanto ‘lá’

locativo faz parte da estrutura oracional (VP/IP), seja como argumento verbal ou como adjunto circunstancial, 'lá' não locativo faz parte da estrutura do DP como especificador funcional.

Na relação com 'qualquer' pós-nominal, tanto 'qualquer' quanto 'lá' não locativo podem receber a mesma paráfrase, qual seja, "a entidade x que o falante não sabe/quer identificar". Por isso, ambos são aparentemente incompatíveis com nome próprio. Outra semelhança semântica entre estruturas com 'lá' e 'qualquer' é a noção de quantificação. Na estrutura nominal com 'qualquer', seleciona-se um único referente em uma classe, enquanto que, na estrutura nominal com 'lá', pode-se selecionar um único referente ou um subgrupo específico de referentes em uma classe. Por isso, explica-se a incompatibilidade de 'lá' com contextos genéricos. Do ponto de vista sintático, uma semelhança é que ambos podem preceder ou suceder modificadores, tais como possessivos, adjetivos e genitivos. Entretanto, ambos são diferentes sintaticamente no aspecto em que 'qualquer' só pode ocorrer com NP precedido por artigo indefinido, enquanto 'lá' apresenta uma distribuição bem mais ampla, podendo ocorrer com diferentes tipos de determinantes.

Na relação com *this* indefinido específico, tanto 'lá' quanto *this* são usados quando o falante tem em mente exatamente a entidade que está sendo referida, mas não a identifica. Por sua vez, uma primeira diferença entre esses itens é que *this* só é omissível quando seguido de numeral, enquanto 'lá' pós-nominal não locativo é sempre omissível. Outra diferença é que, enquanto *this* recebe paráfrase com artigo indefinido – por isso, o nome *indefinite this* –, a paráfrase mais apropriada para NPs contendo 'lá' é com artigo definido. Além disso, *this* é pré-nominal e não coocorre com artigos, pois *this* já é um determinante. Por sua vez, 'lá' é pós-nominal e coocorre com diferentes determinantes em posição pré-nominal, inclusive com artigo definido, o que inviabiliza a paráfrase com artigo indefinido.

Na relação com partículas indicadoras de especificidade, exploramos esse conceito que, segundo Lyons (1999), consiste no fenômeno segundo o qual o falante tem em mente um certo referente, mas também pode escolher não identificá-lo, quando a sua identificação é dispensável. Muitas línguas, segundo o autor, possuem partículas ou artigos dedicados especialmente a veicular essa noção, é o caso de *le* em samoa, *teetahi* em maori, *bir* no turco, etc. No inglês, não existem tais artigos ou partículas, nem mesmo no português, mas ambas as línguas utilizam, respectivamente, um demonstrativo e um locativo para esse fim.²⁸ Sendo usados para essa finalidade, esses itens perdem valor dêitico e adquirem um valor especializado.

²⁸ Também os pronomes 'certo' no PB e 'certain' no inglês exerceriam esta função.

Diferentemente do inglês, em que *this* não perde seu estatuto de determinante, isto é, ocupa a mesma posição estrutural (Spec,DP), no português, parece que 'lá', além de adquirir um valor semântico diferenciado, passa a atuar sintaticamente de modo bastante distinto de 'lá' pós-nominal locativo. Portanto, enquanto 'lá' locativo seria parte do VP/IP, 'lá' não locativo seria parte do DP. Tratar-se-ia de palavras homófonas, mas completamente diferentes do ponto de vista estrutural e semântico.

Sobre a razão da aquisição desse uso especializado, teóricos da gramaticalização explicam que a mudança se deve a um processo de metáfora em que o conteúdo semântico do item transita de dêixis espacial a dêixis emocional. Assim, *this*, demonstrativo indicador de proximidade espacial, especializar-se-ia em um *this* indicador de proximidade afetiva, no sentido em que "o ouvinte é instruído a encontrar o referente no mundo do falante, mas não no mundo compartilhado por falante e ouvinte"²⁹ (MACLARAN, 1982 apud IONIN, 2006, p.179, tradução nossa).

Da mesma forma, 'lá' locativo, indicador de distância espacial, especializar-se-ia em um 'lá' indicador de distância emocional, "no sentido de que expressa um afastamento ou desinteresse do falante" (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p.244), isto é, "o falante utiliza a partícula lá para caracterizar o substantivo como algo que existe, mas a respeito do qual não quer, não pode ou não considera relevante fazer comentários" (MARTELOTTA; RÊGO, 1996, p.244).

No entanto, esse uso especializado de 'lá', bem como de *this*, não parece ser simplesmente uma extensão de seu uso dêitico. Se fosse, seria esperado que locativos e demonstrativos se transformassem em marcadores de especificidade de uma forma mais generalizada nas línguas. Com efeito, Ionin (2006) ressalta, com base em Lyons (1999), que, apenas no inglês e no alemão (*dieser*), um pronome demonstrativo pode favorecer leitura indefinida. Da mesma forma, não é de conhecimento que, nas línguas românicas, um locativo tenha se transformado em marcador de especificidade. Sendo assim, o uso de 'lá' exemplificado em (2) não parece se evidenciar nem mesmo no português europeu.³⁰

Portanto, a noção de metáfora espacial > emocional, além de ser circular, pouco contribui na análise e esclarecimento das propriedades sintáticas e semânticas desses itens como marcadores de especificidade.

Diante do exposto, nossa hipótese é que 'lá' é um operador de especificidade e situa-se em uma projeção funcional localizada imediatamente acima do NP e

²⁹ "The hearer is being instructed that the referent is to be found in the speaker's world, not in the shared world of speaker and hearer". (MACLARAN, 1982 apud IONIN, 2006, p.179).

³⁰ Não disponho de um levantamento exaustivo a esse respeito, mas perguntei informalmente a linguistas e também a leigos, todos falantes de PE, no Porto e em Lisboa, se eles teriam o uso de 'lá' pós-nominal, com o sentido exemplificado em (2). A resposta foi negativa por parte de todos eles.

abaixo dos modificadores. Embora não se possa ainda determinar exatamente que categoria³¹ seria essa, supomos que seja um QP, primeiro, porque NPs com 'lá' delimitam um único referente ou um subgrupo de referentes específicos em uma classe; segundo, porque, em outras ocorrências de 'lá' na estrutura nominal, 'lá' precede intensificadores e quantificadores universais. Portanto, 'lá' pós-nominal seria inserido por *merge* também em Spec de uma projeção QP, porém, com traços de especificidade.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida para a realização do estágio de doutorado na University of Cambridge (Inglaterra), de janeiro a dezembro de 2010, quando o presente artigo foi produzido. Agradeço também à FAPEMIG pela bolsa concedida em todos os anos restantes do meu doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais.

PEREIRA, B. K. Post-nominal 'lá' in the DP-cartography: inquiries about specificity and identification. *Alfa*, Araraquara, v.55, n.1, p.83-111, 2011.

- **ABSTRACT:** *This paper investigates Brazilian Portuguese data with post-nominal 'lá' in structures like "um colega meu lá" (a friend my 'lá' / "my friend there") suggesting a formal analysis for the position of this adverb in the DP-domain. In order to accomplish this goal: we point out: (i) the differences between this non-locative 'lá' and the post-nominal locative 'lá'; (ii) the similarities between non-locative 'lá' and post-nominal 'qualquer' (certain); (iii) the similarities between non-locative 'lá' and indefinite specific 'this' in colloquial English; and (iv) the similarities between non-locative 'lá' and a variety of particles used in certain languages as specificity markers (LYONS, 1999), that is, those that are used when the speaker refers to a specific entity, but does not identify it. From this parallel, we assume, based on the functional specifier theory (CINQUE, 1999, 2005), that 'lá' is merged in the specifier position of a functional projection. This projection, which contains specificity features, would surface immediately above the NP and below modifiers in the DP-domain.*
- **KEYWORDS:** *Post-nominal non-locative 'lá'. DP-structure. QP. Specificity. Identification.*

REFERÊNCIAS

ALKMIN, M.; CHAVES, E. *Corpus de Mariana*. Transcrições concedidas por NUPEVAR. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

ALMEIDA, N.; CARNEIRO, Z. (Org.). *Amostras da língua falada na zona rural de*

³¹ Em uma próxima versão deste trabalho, perseguiremos a proposta segundo a qual o rótulo mais apropriado para essa categoria seria SpP (*Specificity Phrase*) ou Sintagma de Especificidade, conforme estudos encontrados no decorrer da pesquisa, por exemplo, a respeito de *la* pós-nominal no crioulo mauritano.

Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008. 1 CD-ROM. (Amostras da língua falada no semiárido baiano).

BRUGÈ, L. The positions of demonstratives in the extended nominal projection. In: CINQUE, J. (Ed.). *Functional structure in DP and IP: the cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p.15-53.

CINQUE, G. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v.6, n.3, p.315-332, 2005.

_____. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

GIUSTI, G. The categorial status of quantified nominals. *Linguistische Berichte*, Wiesbaden, n.136, p.438-454, 1991.

HEIM, I. *The semantics of definite and indefinite Noun Phrases*. New York: Garland Publishing, 1988.

HENRY. Odeio gente assim cara. UOL. Fórum UOL jogos. Vale tudo. 19 mar. 2010. Disponível em: <http://forum.jogos.uol.com.br/ODEIO-GENTE-ASSIM-CARA%C2%B4%7B+Fanaticos_t_732581>. Acesso em: 29 jun. 2010.

IONIN, T. This is definitely specific: specificity and definiteness in article systems. *Natural Language Semantics*, n.14, p.175-234, 2006.

LISPECTOR, C. *Um caso complicado*. 1994. Disponível em: <<http://www.laderzi.com/claricelispector/umcasocomplicado.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2010.

LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MARCHANT, A. *Indefinite 'this' and the givenness hierarchy*. 1994. 77f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Simon Fraser University, British Columbia, Burnaby, 1994.

MARTELOTTA, M.; RÊGO, L. Gramaticalização de **lá**. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.237-250.

MÓIA, T. Aspectos da semântica do operador *qualquer*. *Cadernos de Semântica*, Lisboa, n.5, p.1-46, 1992.

PEREIRA, B. The three left peripheries: bases for a cartographic study of Brazilian Portuguese 'lá'. *Fórum Linguístico* (UFSC), Florianópolis, v.7, n.1, p.1-29, 2010a. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/14119/17099>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

_____. A polivalência de 'lá': evidências para a teoria dos especificadores

funcionais. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.39, n.1, p.354-369, 2010b. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/EL_v39_n1_Integra.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2010.

_____. A posição de 'lá' na projeção nominal: contribuições para o mapeamento da estrutura funcional. *Soletras*, São Gonçalo, v.17, p.52-63, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/17sup/05.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2009.

RADFORD, A. *Minimalist syntax: exploring the structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TAVARES, M. A. Um especificador aí. *DELTA*, São Paulo, v.17, n.2, p. 209-235, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 11.

Recebido em agosto de 2010.

Aprovado em janeiro de 2011.

